

## “NÓS SOMOS VILÕES, É ISSO QUE NÓS FAZEMOS”: A MUDANÇA PERFORMATIVA DE HARLEY QUINN NAS HQ’S E MÍDIAS RECENTES

JULIANA AVILA PEREIRA<sup>1</sup>;  
DANIELE GALLINDO-GONÇALVES<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas*

<sup>2</sup> *Universidade Federal de Pelotas*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tecerá breves reflexões acerca das construções e desconstruções da personagem Harley Quinn no contexto da cultura pop contemporânea, explorando as representações performativas de gênero e sexualidade associadas à essa figura icônica. Inicialmente concebida como a parceira submissa e apaixonada de Joker (Coringa na versão brasileira) nas páginas dos quadrinhos da DC Comics, Harley Quinn (também denominada como Arlequina) conseguiu transcender suas origens, tornando-se uma figura multifacetada e independente nas mais diversas mídias recentes.

Ao longo de suas diferentes representações, Harley desafia as expectativas tradicionais associadas às mulheres, especialmente aquelas construídas em relação aos vilões masculinos. Sua independência, inteligência e habilidades físicas desafiam as normas de gênero que historicamente limitaram as mulheres a papéis secundários ou estereotipados. A própria identidade de Harley Quinn é fluida e sujeita a mudanças ao longo do tempo. Dito isso, Butler (2021) sugere que o gênero é uma construção contínua e que as identidades de gênero não são fixas e a trajetória de Harley Quinn, desde sua introdução até sua representação mais recente, destaca como as personagens podem quebrar as expectativas normativas de gênero e criar novas formas de expressão e identidade. Deste modo, a personagem serve como um exemplo de como a desconstrução de normas de gênero pode ocorrer através de narrativas que desafiam e reimaginam as expectativas tradicionais, contribuindo para uma compreensão mais complexa e inclusiva das identidades de gênero na indústria midiática.

Portanto, esta pesquisa propõe analisar as nuances dessa transformação, explorando como as representações de gênero e sexualidade associadas à personagem mudaram ao longo do tempo. A análise abrange não apenas as mudanças nas narrativas das histórias em quadrinhos, mas também examina adaptações cinematográficas e outras formas de mídia que contribuíram para a redefinição da personagem.

### 2. METODOLOGIA

Servimo-nos dos conceitos de *gênero* e *performatividade* postulados por Judith Butler (2021), que defende a concepção que o gênero não é uma característica inata, mas sim uma construção social, performada repetidamente por meio de ações cotidianas. De acordo com a autora e sua perspectiva, os papéis de gênero não são simplesmente internalizados, mas são constantemente recriados através de atos repetitivos. Enquanto metodologia nos fundamentos no chamado Método Circular proposto por Umberto Eco (2001), este encaminhamento metodológico é uma forma de análise que considera partir do contexto social (elementos externos) para o contexto estrutural (elementos internos) das obras

analisadas. Neste sentido, esta metodologia “consiste em elaborar a descrição dos dois contextos (ou de outros contextos introduzidos no jogo interpretativo) segundo critérios homogêneos” (ECO, 2001, p.183).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Harleen Frances Quinzel, cuja denominação mais conhecida é Harley Quinn, foi introduzida pela primeira vez no universo DC no episódio 07 da primeira temporada da série animada *Batman: The Animated Series* em 1992. Criada pela dupla Paul Dini e Bruce Timm, Harleen é apresentada como uma psiquiatra no Asilo Arkham que se vê apaixonada por seu paciente, Joker (Coringa), sendo este o catalisador para sua transformação em Harley Quinn, cúmplice e amante do Palhaço do Crime. Nos quadrinhos, sua primeira aparição foi no ano seguinte em *The Batman Adventures #12* (1993), a colocando, efetivamente, no universo DC Comics. Nos primeiros anos, Harley é uma personagem totalmente coadjuvante, frequentemente representada nas histórias como submissa ao Joker. Ela era introduzida como uma mera extensão de seu parceiro e/ou ancorada nas figuras masculinas ao seu redor, o que a colocava sempre como mais fraca e dependente em qualquer situação (AUSTIN, 2015). Ademais, um aspecto fundamental do seu relacionamento com o Palhaço são os abusos físicos e emocionais que lhe são imputados, porém, Harley sempre perdoa e retorna para Joker, pois sua personalidade era definida pela sua devoção (quase obsessiva) ao vilão. Por tais atos, Harley era frequentemente manipulada e usada como mera ferramenta nos planos de seu “pudinzinho<sup>1</sup>”. Neste sentido, Harley Quinn do século XX é uma típica figura feminina submissa e apagada na narrativa, reforçando estereótipos de papéis gênero em que as mulheres são representadas como emocionalmente frágeis e submissas.

Contudo, com o passar do tempo, houve uma mudança na forma como Harley Quinn foi representada. Seus criadores começaram a explorar outras facetas e complexidades da personagem. Em *Harley Quinn* (2000-2004), primeira série de HQ solo da personagem, escrita por Paul Dini, a origem da personagem foi amplamente detalhada e sua independência começou, gradativamente, a imperar. É nesta série de HQ's que Quinn começa a questionar seu relacionamento amoroso com Joker e eventualmente afastando-se dele e da dependência emocional por ele, assim, tornando-se uma figura mais complexa e autônoma. Amanda Conner e Jimmy Palmiotti são os autores que iniciaram um arco ainda mais independente para a personagem nos quadrinhos no arco *Harley Quinn: The New 52!* (2013-2016). Nessa história, Harley se muda para Nova York e começa uma vida solo, longe de Joker, e vive inúmeras aventuras. Ela se junta com outros personagens conhecidos da DC, forma suas próprias alianças e começa uma jornada para explorar quem é Harley Quinn longe da sombra de seu antigo amante.

O ponto de virada destas duas séries em quadrinhos é mostrar como Harley sobrevive e prospera por conta própria, sem precisar de homens a sua volta. Tais transformações podem, portanto, serem vistas às críticas sobre as representações de mulheres em papéis subservientes. Ambas as narrativas mostram como Quinn pode se reconstruir fora do relacionamento abusivo e exploram temas mais vinculados ao empoderamento feminino e agência da personagem (GALLARDO; BOTELLO, 2017).

---

<sup>1</sup> Apelido carinhoso que Harley Quinn chama seu amado.

Nos últimos anos, Harley Quinn se tornou uma das personagens mais populares da DC. Isso deve-se, em grande parte, por sua representação live-action em *Suicide Squad* (2016), *Birds of Prey* (2020) e *The Suicide Squad* (2021), sendo vivida por Margot Robbie, uma das mais proeminentes atrizes de hollywood atualmente. Sua popularidade também cresceu com a série animada *Harley Quinn* (2019-atal) da Max, em que a protagonista é construída como uma mulher independente, forte e cheia de humor. A série evidencia a sua jornada e luta por autonomia após terminar com Joker, reconhecimento em um mundo patriarcal e destaca sua transição de vilã para anti-heroína<sup>2</sup> e, eventualmente, para heroína.

Em relação a sua sexualidade, Harley Quinn também passou por transformações significativas. Inicialmente, sua sexualidade era majoritariamente definida por seu relacionamento com Joker, sendo ela o objeto de desejo dele e apenas isso. No entanto, com o avanço dos anos, conforme a personagem foi ganhando traços mais empoderados, sua sexualidade também se tornou mais fluída e explorada em diferentes contextos. Em *Harley Quinn* (2019-actual), é evidenciado na trama a bissexualidade da protagonista, particularmente em sua relação com Poison Ivy, o que representa, de certa forma, uma ruptura com a heteronormatividade que lhe foi imposta por anos. Dito isso, muitas vezes na indústria cinematográfica as mulheres são reduzidas a meros papéis sexualizados e objetificados enquanto desejo do homem (uma mulher bela, porém, casta), caindo, assim, em um arquétipo estereotipado da mulher-musa. Quinn, não somente não deixa de mostrar sua sexualidade livre dos padrões convencionais, como também a usa de forma empoderada. Na narrativa, então, a sexualidade da personagem é evidenciada como uma importante parte de sua identidade e liberdade, tendo ela o total controle e agência desta.

As primeiras representações de Harley Quinn estão profundamente ligadas a performances de gênero vistas como “tradicionais” e normativas. Sua identidade era construída através de atos e comportamentos repetitivos que a colocavam em um papel submisso e dependente do Joker, reforçando estereótipos de feminilidade que eram “naturais”, mas eram socialmente moldados. Esses gestos cotidianos e estilizados de submissão criavam a ilusão de que sua identidade de gênero era fixa, definida por sua devocão ao parceiro masculino. As ascensões da personagem acabam por mostrar, neste modo, que o gênero não algo inerte ou essencial, como formulado por Butler (2021), mas são construídas socialmente no e através de discursos e comportamentos repetitivos. Com o passar dos anos, essa construção foi sendo questionada e transformadas, à medida em que as histórias de Harley a transitaram para uma figura mais complexa e autônoma.

Inicialmente, Harley é construída a partir de estereótipos femininos associados à submissão, dependência emocional e uma identidade sexual que é meramente uma extensão do desejo de um homem (o Coringa). Essas performances repetidas reforçavam uma ideia fixa de feminilidade submissa e heteronormativa. No entanto, conforme as narrativas sobre Harley Quinn avançaram no tempo, a performatividade de gênero da personagem começou a ser desconstruídas e reconstruídas. Sua identidade antes dependente do homem dominante fora abandonada e outras formas de expressões que rompem tais ciclos se tornaram mais presentes em suas narrativas. Essas desconstruções de

<sup>2</sup> Vale pontuar, no entanto, algumas diferenças entre estes dois termos: vilão é aquele personagem cuja maldade e seus objetivos pessoais estão acima de tudo e todos, visando apenas o seu próprio sucesso, mesmo que isso implique em destruir os outros ao seu redor. Anti-herói, por sua vez, é aquela figura que não totalmente boa, mas também não é má, ela “salva o dia” no fim da história, porém, as vezes cometendo atos considerados “errados” neste percurso de salvamento.

performances, de tal modo, demonstram como figuras do entretenimento pop tem potencial para subverter as normativas regulatórias de gênero e evidenciar outras formas de ser e agir que não são vinculadas unicamente a heteronormatividade e assim desafiam as expectativas tradicionais.

Neste sentido, essa mudança pode ser encarada enquanto uma reapropriação da agência da personagem, em que Harley Quinn, atualmente, tem uma performatividade de gênero que não se conforma com as normas rígidas que antes as definiam, pelo contrário, em *Harley Quinn* (2019-atual), por exemplo, tais preceitos são satirizados nas falas da personagem. Ela explora sua própria força, inteligência e habilidades, afirmando sua autonomia e desafiando a narrativa de que uma mulher precisa ser definida por sua relação com um homem.

#### 4. CONCLUSÕES

Este trabalho explora como Harley Quinn foi transformada de uma personagem submissa e dependente para uma figura central independente e empoderada. A análise das mudanças nas representações de gênero e sexualidade ao longo do tempo revela como a personagem evoluiu para refletir e desafiar as normas sociais, tornando-se um ícone da cultura pop com significado profundo em várias mídias.

A evolução da Arlequina reflete um desenvolvimento profundo e complexo, de uma personagem coadjuvante submissa a uma figura central e empoderada no universo da DC. Ela agora brilha com luz própria, com histórias que exploram sua força, vulnerabilidade, e capacidade de mudar.

As adaptações cinematográficas e outras mídias desempenharam um papel crucial na redefinição da personagem. Filmes como *Esquadrão Suicida* e *Aves de Rapina* apresentaram uma versão mais empoderada de Arlequina, destacando sua força e independência. A atuação de Margot Robbie trouxe uma nova dimensão à personagem, tornando-a mais acessível a um público amplo e contemporâneo.

A série animada *Harley Quinn* também contribuiu significativamente para a complexificação da personagem, oferecendo uma interpretação mais moderna e complexa que reflete as mudanças nas atitudes sociais em relação às questões de gênero e sexualidade.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, S. Batman's female foes: the gender war in Gotham City. **The Jornal of Popular Culture**, v. 48, n 2, p. 285-295, 2015.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Tradução Renato Aguiar. – 21a ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- ECO, U. **Apocalípticos e Integrados**. – 2 ed. – São Paulo: Editora Perspectiva. 2001.
- GALLARDO, M.. V. R.; BOTELLO, N. A. Harley Quinn y la purificación de la iconicidad femenina rebelde. **Culturales, Baja California**, v. 1, n. 2, p.287-319, 2017.